

Índice

INTRODUÇÃO

O Princípio da Incerteza, o Segredo do Céu	11
--	----

DO CÉU

I — Eu estou nas nuvens! Tu estás nas nuvens!	15
II — As nuvens dos tornados, ciclones e furacões	17
III — As cirros do fim da tarde	20
IV — As trovoadas	23
V — Os solstícios e os equinócios	27
VI — Os quatro poderosos ventos:	30
O Zéfiro	31
O Bóreas	31
O Eurus	33
O Noto	34

OS CÉUS DA NOITE

I — Os que têm nuvens e os que não têm	39
II — São as estrelas sempre, no rolar da eternidade	41
III — A Noite de São Lourenço ou As Lágrimas de São Lourenço	42
IV — As auroras boreais e astrais	45

V — As fases da Lua	49
A lua nova	51
O quarto crescente	51
A lua cheia	52
Quarto minguante	53
VI — A chegada do homem à Lua	54
VII — Os planetas mais próximos	57
VIII — Kepler	60
IX — Os cometas	62
X — As constelações	64
XI — Os signos do Zodíaco	67
XII — Os relâmpagos	69
XIII — O arco-íris	72
XIV — O pôr-do-sol	75
XV — O Sol da meia-noite	76
XVI — A madrugada	79
XVII — O anoitecer	81

DA TERRA

I — A Terra	85
II — Os mares	86
III — Tsunâmis	91
IV — Icebergues, glaciares	94
V — Géiseres	96
VI — As selvas mais densas, os maiores desertos	101
VII — Os desertos	103
VIII — As charnecas	105
IX — As savanas	109
X — As estepes	113
XI — A mais alta montanha do planeta	115
XII — As grandes cidades	117
XIII — Os terremotos	120
XIV — A alimentação humana	123

FINAL

Respeitemos o nosso Planeta	126
-----------------------------	-----

I

EU ESTOU NAS NUVENS! TU ESTÁS NAS NUVENS!

É a nossa imaginação, as curvas e contracurvas do nosso pensamento, que nos leva a sítios impensáveis, a territórios desconhecidos, a mundos de fantasia. Como será estar nas nuvens?

Quantas vezes já desejámos lá estar... Como alcançar esse plano doce, essa sensação de sonhos velozes, esses sussurros esbranquiçados, sentir o que deve ser o nada? Quando viajamos de avião e trespassamos as nuvens, mesmo ali do lado de fora da nossa cápsula voadora, ficamos deslumbrados, ou mesmo assustados, com a imponderabilidade desses fiapos de algodão que, afinal, conseguimos transpor sem a mínima dificuldade. E depois de rompermos a densa e fofa montanha branca, o que se passa no céu? Onde estamos? É que antes e sob as nuvens tudo é possível. Se espreitarmos por um intervalo, vemos a Terra palpável: há cidades, há oceanos, rios, montanhas, desenhos irregulares. Sim, alguma coisa existe! E quando atravessamos as nuvens e as ultrapassamos, deixamos de perceber a substância da Terra. Agora já não há nada de visível. Só atmosfera. Não há contornos, nem altos, nem baixos e se existe a claridade é porque o Sol está perto. Não consigo imaginar a vastidão infinita, mais além, vazia, sem Sol, sem nada. O que pode ser? Há limites? E limites de quê? De espaço? De matéria?

Não compreendo, nem eu, nem ninguém. E esta é a maior das interrogações.

O que há para além da atmosfera?

Nada?

E se conversássemos sobre os vários tipos de nuvem que conhecemos aqui em baixo, com os pés bem assentes no chão?

A Humanidade, no seu conhecimento profundo da ciência, deu-lhes nomes, às nuvens, conforme a sua proximidade, os seus volumes, os seus destinos, as suas capacidades. As nuvens estão classificadas, todas têm um nome, todas se reconhecem. Quem vive fora das cidades e se ocupa dos trabalhos nos campos ou nos desertos ou nas montanhas sabe reconhecer a nuvem que se aproxima ou a que paira sobre o espaço. Sabe distinguir a que traz chuva, a que o vento empurra, a que se dissipa. Conhece as que carregam tempestades, as que fazem sonhar, assustam ou protegem, as nuvens com cores e as sem cor nenhuma.

Todos conhecemos algumas nuvens. Todos nós já pensámos ver cavalos, castelos, caras humanas, brinquedos e trapalhadas, tudo desenhado nos contornos das grandes massas de nuvens. Todos nós, algum dia, as detestámos porque nos anunciaram o próximo Inverno. Todos nós, alguma vez, as apreciamos porque nos protegeram de um calor tórrido de Verão.

São assim as nuvens, esses mantos espessos, espantosos, que envolvem todo o planeta, este onde nascemos, onde vivemos e onde vamos morrer.

O misterioso, o delicado, o maravilhoso planeta Terra.

II

AS NUVENS DOS TORNADOS, CICLONES E FURACÕES

Os caçadores de tornados

Muitas vezes, no final das tardes mais quentes e nalgumas paragens deste planeta, sinistros castelos de nuvens negras, absolutamente negros, formam um arredondado imenso sobre uma região. É um todo compacto, denso, carregado de chuvas sólidas, de detritos, de lixos variados. E, se olharmos para os lados, para o depois e para o antes desta massa incrível, a atmosfera lá está como sempre esteve antes dessa máscara. É impressionante! O grosso disforme avança e cobre uma superfície extensíssima, é como que um capacete, uma capa de intenções malditas, uma cor espantosa, tons de pesadelo, ruídos impensáveis, uma visão dos infernos. Essas nuvens parecem ter descido até ali para trazerem consigo a ruína, a impotência, o desespero de toda a Humanidade. Às tantas, lá mesmo no fim desse desenho negro, forma-se como que uma cauda em rodopio, uma tromba poderosa a cair lá ao longe, no horizonte, sobre tudo o que estiver ao seu alcance e que suga e devasta e arrasta e destrói. É o tornado.

Este monstro de ventos e águas tanto afaga a superfície da Terra como regressa ao ar que o acolhe e reanima, conferindo-

-lhe sempre e sempre novas forças cada vez mais violentas. Quando a ponta do tornado volta à terra depois do abraço da sua poderosa nuvem, produz uma outra espécie de nuvem, esta cheia de pós e lixos. Tudo ali à volta se transforma e se torna cada vez mais perigoso. Se forem campos, esses atacados pelo tornado são arrasados e enlameados pela força furiosa; se for um aglomerado urbano, uma cidade, uma vilória, uma pequena aldeia, tudo, tudo será destruído, esmigalhado. Muitas vezes, quando a chuva torrencial, pestilenta e estranha, vinda do vórtice do tornado rebenta sobre aquela área atingida, acontece choverem animais. Animais pequenos que foram aspirados pelo vento. E acontece, então, aparecerem cães ou gatos, ou raposas, ou sapos e até mesmo pássaros que, apanhados desprevenidos nos seus voos, não resistiram aos sopros fatais da ventania em fúria.

Há pessoas que gostam de perseguir a formação de tornados. Não estou a falar dos cientistas meteorologistas, que, esses, pelas suas poderosas máquinas, cálculos e observações certas, sabem, ensinam e apontam esses fenómenos com toda a certeza. Mas falava agora e apenas de pessoas apaixonadas pelos fenómenos celestes, as quais, sem qualquer certeza científica, conhecem muito bem as enormes manchas alargadas que cobrem o céu, sabem a direcção dos ventos, percebem pela luminosidade do dia e pela estranheza da noite onde é que o fenómeno vai ocorrer. São os famosos caçadores de tornados. Gente de enorme coragem que persegue e conhece e observa e estuda os tornados. Gostam, pois, de percorrer centenas de quilómetros em busca da melhor e mais oportuna fotografia; outros ainda fazem reportagens para os jornais e revistas sobre este mistério do nosso planeta.

Quando os tornados passam na sua fúria mais intensa e destruidora, tudo o que é encorpado desaparece da vista. Cidades inteiras podem ficar destruídas, as árvores, mesmo as de grande porte, caem como plumas moles e tudo se torna muito, muito perigoso.

Como é que os homens e as mulheres têm tanta coragem? Os tais caçadores de tornados? Aí vão eles estrada fora tendo por horizonte um céu de chumbo cada vez mais próximo, às vezes contra cortinas compactas de chuva, a perseguir um túnel que se desprende das nuvens em direção ao solo. E aí estão eles, bem posicionados em cima das capotas dos seus *jeeps*, máquinas fotográficas em punho e um desejo, um desejo inconcebível para nós que não temos esta paixão, de os captar, de os reter, de se meterem por ali dentro desse perigoso funil, num risco constante e iminente das suas vidas.

Os cientistas da meteorologia classificaram a potência destes ventos, do mesmo modo que existe uma escala para determinar o grau de destruição de um terramoto ou das trombas-d'água. Os tornados podem atingir uma intensidade tal que a velocidade do vento alcança os 500 quilómetros por hora. Nada ficará de pé quando uma violência destas atingir a Terra. E já atingiu vários pontos deste nosso mundo.

De vez em quando sabemos pelos jornais e pelas televisões de grandes tragédias que se passaram com esta gente tão corajosa. Fico a pensar o que é que os leva a desafiar o tornado, a querer chegar tão perto da morte?

Este é o tipo de nuvens que ninguém gostará de ver a seu lado.

Enfim, quase ninguém...